

OS EGRESSOS DA UEFS (1976-85) EM 1988

Jacques Jules Sonnevile
Prof. Adjunto do Dep. de
Ciências Humanas e Filosofia

RESUMO - *Qual é a ocupação atual dos que concluíram seus estudos no período de 1976 a 1985? E qual é a opinião deles sobre a formação acadêmica que receberam e sobre seu aproveitamento em função das atividades profissionais que agora estão exercendo? São as duas questões básicas que orientaram a pesquisa sobre "OS EGRESSOS DA UEFS". No período estudado, foram contados 2 080 egressos por conclusão de curso, divididos em oito (8) cursos. Foi feita uma amostragem sistemática, resultando em um total de 210 informantes. O instrumento da pesquisa foi um questionário com 45 perguntas.*

ABSTRACT - *What is the present occupation of the students who graduated between 1976 and 1985? What is their view about the academic background attained at the university, and about its use in professional activities they are involved in? These are two basic questions that serve as directions for the research about the "Egresses of UEFS". During the period used for this study 2 080 egresses were counted and classified according to their 8 courses. Also a systematic sample was made with 210 individuals. A questionnaire with 45 items was applied as the instrument for the research.*

A PROBLEMÁTICA

Em dez anos, desde o início de seu funcionamento em 1976 até o fim de 1985, a UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA formou um total de 2 080 alunos. Um resultado a primeira vista satisfatório, uma vez que os primeiros diplomas foram entregues somente em 1978 e, pelo menos nestes primeiros 10 anos, apenas oito (8) cursos contribuíram para este número de concluintes. São cinco (5) cursos diurnos: Licenciatura em Ciências, Enfermagem e Obstetrícia, Licenciatura em Estudos Sociais, Licenciatura em Letras, e Tecnologia/Engenharia Civil; e três cursos noturnos: Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas. O reconhecimento definitivo da UEFS, ocorrido em 1985, pelo Ministério da Educação, a criação de novos cursos (Odontologia, História, Geografia, Ciências Bioló-

(*) Pesquisa financiada pelo INEP/MEC.

gicas, Matemática e Pedagogia), além de contínua expansão das instalações, permitida pelo espaço físico do Campus, mostram um dinamismo característico duma universidade jovem. À primeira vista, pois, existem todas as possibilidades concretas para um futuro promissor da UEFS.

Tudo isso, porém, mal consegue esconder uma profunda crise que está afetando a instituição. Em primeiro lugar, a realidade dos fatos mostra que os egressos da UEFS enfrentam sérias dificuldades para conquistar no mercado de trabalho um emprego em correspondência ao seu diploma universitário. Existe entre os alunos da universidade um sentimento de desânimo e de decepção ante as perspectivas pouco animadoras que lhes são oferecidas depois da formatura.

O mercado de trabalho, na região de Feira de Santana, revela-se extremamente limitado e com capacidade muito restrita de absorver pessoas de nível universitário. Além disso, surgindo uma vaga nas empresas, dá-se, às vezes, a preferência aos egressos de outras universidades mais conhecidas. Há claros índices de falta de credibilidade da UEFS dentro da sociedade. Não só a instituição não goza do prestígio necessário para uma rápida colocação no mercado de trabalho, como também existe uma queixa generalizada de que a qualidade de ensino na UEFS não corresponde suficientemente às expectativas tanto dos alunos quanto da sociedade.

Um sinal evidente do estado de desânimo existente entre os alunos é, sem dúvida, a alta percentagem de abandono verificado na UEFS. Do total de 4 852 ex-alunos da UEFS, 2 115 (43,5%) saíram por abandono. O total dos que conseguiram o diploma corresponde a 42,8%, enquanto o restante divide-se entre as saídas por cancelamento de vagas (5,9%) e transferência (7,8%). A percentagem de abandono é, pois, mais alta do que a de conclusão de curso. Mas, a presente pesquisa não abordou diretamente o problema do abandono, por ser um fenômeno com características específicas diferentes da problemática geral que se pretendeu estudar.

A pesquisa concentra-se na problemática dos concluintes e trata de duas questões básicas. Em primeiro lugar, qual é a ocupação profissional atual dos que se formaram na UEFS no período de 1976 a 1985? E, em segundo lugar, qual é a opinião deles sobre a formação acadêmica que receberam e sobre seu aproveitamento em função da atividade profissional que agora estão exercendo?.

A METODOLOGIA

O instrumento da pesquisa foi um questionário com 45 perguntas, testado entre 20 ex-alunos antes da sua redação definitiva. Para efeito de amostragem, partiu-se do princípio de que um décimo do universo, ou seja, 210 ex-alunos, seria um número bastante representativo e, ao mesmo

tempo, em conformidade com o tempo e os recursos disponíveis. A amostra foi igualmente dividida entre os oito (8) cursos, em proporção ao seu peso numérico.

UNIVERSO E AMOSTRA, POR CURSO - UEFS, 1976-85

CURSO	UNIVERSO	AMOSTRA
Administração	274	028
Licenciatura em Ciências	264	027
Ciências Contábeis	268	027
Ciências Econômicas	230	023
Enfermagem e Obstetrícia	238	024
Licenciatura em Estudos Sociais	386	039
Licenciatura em Letras	314	031
Tecnologia/Engenharia Civil	106	011
TOTAL	2 080	210

Foi-nos fornecida pelo Arquivo Morto da UEFS a lista dos nomes e endereços dos concluintes, classificados por curso e data de conclusão. Em cada curso, os nomes receberam um número, a começar pelo nº. 1. Desse modo, foi fácil aplicar o método sistemático para escolher os indivíduos que fariam parte da amostra. É evidente que, na hora de encontrar o endereço de determinado ex-aluno para entregar o questionário, nem sempre foi possível se basear somente no endereço fornecido pela UEFS. Às vezes o ex-aluno já tinha se mudado e, em vários casos, não foi mais possível localizá-lo. A única solução foi escolher outro nome na lista, imediatamente antes ou depois do nome do aluno que não foi localizado. Assim foi salvaguardada a representatividade da amostra, como prova a comparação entre o universo e a amostra quanto ao ano de término do curso.

ANO DE TÉRMINO DO CURSO - UEFS, 1976-85

ANO	UNIVERSO (%)	AMOSTRA (%)
1976	-	-
1977	-	-
1978	1,3	1,4
1979	9,9	10,0
1980	14,4	16,7
1981	17,5	16,7
1982	17,4	18,0
1983	16,8	15,3
1984	16,4	15,2
1985	6,3	6,7
TOTAL	100,0	100,0

Outra prova da representatividade da amostra pode ser deduzida através da variável Sexo. Essa não foi levada em consideração na metodologia da amostragem. Mesmo assim, a comparação entre o universo e a amostra prova que o método sistemático que foi utilizado teve um resultado altamente satisfatório. A proporção entre os dois sexos na amostra é muito parecida à que se encontra no universo.

SEXO DOS EGRESSOS - UEFS, 1976-85

SEXO	UNIVERSO (%)	AMOSTRA (%)
Masculino	27,1	31,0
Feminino	72,9	69,0
TOTAL	100,0	100,0

A pesquisa recebeu a ajuda da própria UEFS (Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Arquivo, Processamento de Dados, etc.), assim como contou com recursos do Governo Federal, concedidos no início de 1988. Infelizmente, a inflação galopante durante todos os meses da pesquisa prejudicou bastante o andamento dos trabalhos, porque reduziu sensivelmente o valor dos recursos obtidos. Mesmo assim, a pesquisa foi leva-

da adiante com a colaboração de cinco alunos da UEFS. As diversas etapas da pesquisa, a coleta de dados (localização dos endereços, entrega e recebimento dos questionários), a apuração, a listagem e a tabulação, foram executadas no decorrer do ano de 1988.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

As conclusões da pesquisa contêm três pontos: primeiro, um resumo dos principais resultados da pesquisa; segundo, o confronto destes resultados com as hipóteses levantadas no projeto; e finalmente, um breve esboço das consequências teóricas para a relação educação-emprego.

Segue, primeiro, o resumo dos principais resultados. Praticamente setenta por cento dos egressos são do sexo feminino. Este fenômeno "pode" ser um dos sintomas da crescente desvalorização do diploma universitário, que se manifesta, também, no aumento dos casos de abandono ao longo do período estudado (1976-85). De outro lado, a desvalorização não é completa, porque uma parte dos ex-alunos completou (6,2%) ou está fazendo (7,6%) outro curso superior, às vezes na própria UEFS. No 2º grau, a maior parte dos egressos frequentou a escola pública, exceto os de Administração e de Tecnologia/Engenharia Civil. Também o nível de escolaridade dos pais dos egressos nestes últimos dois cursos se diferencia do restante dos cursos, revelando assim uma certa relação entre a origem social do aluno e o curso escolhido na UEFS.

Quanto à primeira questão principal da pesquisa, a ocupação atual dos egressos da UEFS, deve-se anotar, antes de tudo, a percentagem significativa (7,1%) de ex-alunos sem ocupação. Embora os egressos de todos os cursos possam ser encontrados nos mais variados segmentos do mercado de trabalho, os dois setores que mais absorvem a mão-de-obra formada pela UEFS são o ensino público (39,6%) e o serviço público (24,3%), aos quais se destinam especificamente as três licenciaturas e o curso de Enfermagem. Longe, em terceiro lugar, vem o comércio (11,0%), enquanto os outros setores (indústria, bancos e serviços) absorvem apenas pequenas parcelas de egressos. Por isso, o desvio profissional (emprego em desacordo com o diploma, 31,9% dos casos) está presente sobretudo nos cursos noturnos e no curso de Tecnologia/Engenharia Civil. No entanto, a satisfação com a ocupação em termos profissionais (60,9%) independe do trabalho estar de acordo com o diploma ou não. De outro lado, o que predomina é a insatisfação com o emprego em termos financeiros (69,5%). Por isso, uma parcela significativa (18,1%) de egressos tem mais de um emprego. Resumindo, a função principal da UEFS consiste no fornecimento de mão-de-obra a baixo custo para o funcionamento do setor pú-

blico (ensino e serviço).

O histórico ocupacional dos egressos caracteriza ainda melhor essa função da universidade de Feira de Santana. A maioria dos ex-alunos já trabalhava antes (55,7%) e durante (63,8%) o curso. Depois da formatura, para a maior parte deles quase nada mudou, porque, se não estão desempregados (7,1%), ficaram com a mesma ocupação que antes (20,9%) ou tiveram apenas um aumento salarial (28,6%). Um certo número de egressos foi promovido ou conquistou um novo emprego, sem que isto mudasse a tendência geral da situação ocupacional acima descrita. Deste modo, para compreender a relação da UEFS com o mercado de trabalho, não se pode partir da estrutura interna da universidade, mas do contexto sócio-político no qual ela está inserida. A função principal da universidade de Feira de Santana consiste no aperfeiçoamento da mão-de-obra empregada no aparelho estatal. Prova isso a constatação de que, no acesso à atual ocupação da maioria dos egressos, a UEFS não teve praticamente nenhuma influência, ou porque simplesmente nada se alterou na sua situação ocupacional (41,9%), ou porque os fatores decisivos foram de natureza externa à formação universitária, como amizade ou influência política (21,4%). Apenas uma minoria conquistou sua atual ocupação, depois da formatura, através do reconhecimento do seu valor, ou por concurso ou seleção.

Essas conclusões são confirmadas pelos dados a respeito da segunda grande questão da pesquisa, a avaliação da UEFS e seu papel para o desempenho profissional dos egressos. Para a maioria deles, sem o surgimento da UEFS, fazer um curso superior seria muito mais difícil, senão impossível. Por isso, os motivos para escolher a UEFS, a fim de fazer um curso universitário, foram principalmente circunstanciais, como a proximidade com a residência ou com o lugar de trabalho, ou a existência de um curso noturno. Se dois terços se declaram satisfeitos com sua passagem pela UEFS, isso não exclui o fato de que uma boa parte (43,9%) teria preferido frequentar outra universidade na Bahia, se tivesse condições. Além disso, 33,8% acha que o diploma da UEFS, para conseguir um emprego, dá menos condições que o diploma de outras universidades. No caso pessoal dos entrevistados, porém, o fato de ter se formado na UEFS não teve muita influência, ou porque isso foi indiferente (43,3%), ou porque o egresso não procurou outro emprego (25,7%), e outros (28,1%) até acham que foi uma ajuda. O mercado de trabalho já fazia parte da vida dos egressos antes e durante o curso na UEFS. O esforço para adquirir um diploma universitário era baseado na esperança de melhorar sua posição neste mercado, esperança que mais tarde se revelaria em vão, especialmente em termos financeiros.

A decisão de fazer um curso universitário foi motivada sobretudo pelo desejo de crescer profissional e pessoalmente. Para a maior parte dos egressos, esta expectativa foi apenas mais ou menos correspondida pela

realidade dos fatos. O que correspondeu foi o aumento dos conhecimentos profissionais. O que decepcionou, às vezes, a qualidade deficiente do ensino administrado na UEFS, mas sobretudo o resultado prático do curso para a vida profissional, cuja melhoria que tanto esperaram não aconteceu. Também a escolha do curso foi determinada principalmente pelo desejo de progredir na vida profissional, por gostar da profissão e das disciplinas, embora tenham contribuído, também, motivos circunstanciais, como a ausência de outra alternativa melhor ou a existência de um curso noturno. Também aqui as expectativas foram apenas em parte correspondidas, sobretudo pelo fato de que o curso não teve resultados práticos do ponto de vista profissional. Mas, aqui também não há nenhuma relação direta entre as deficiências da UEFS e a situação decepcionante no mercado de trabalho.

A avaliação do ensino da UEFS é caracterizada pela mesma ambivalência. A grande maioria dos egressos considera a qualidade do ensino como excelente (3,8%) ou bom (59,5%), sobretudo no que diz respeito ao aumento dos conhecimentos e à melhoria do relacionamento humano. Sua contribuição para o desempenho profissional, porém, é posta em dúvida, sobretudo entre os egressos dos cursos noturnos. A formação recebida na UEFS é considerada um fator de aperfeiçoamento profissional menos importante do que fatores extra-universitários, como o contato com outras pessoas e experiências ou treinamentos no trabalho. A grande deficiência do ensino praticado na UEFS consiste na sua falta de conexão com a realidade concreta do exercício da profissão. Especialmente grave é a deficiência do estágio e do funcionamento da Biblioteca nos cursos noturnos. Em todos os cursos, porém, há sérias reservas quanto ao nível do professorado e da pesquisa.

O confronto dos resultados da pesquisa com as hipóteses apresentadas no projeto é o segundo ponto desta análise. As hipóteses mostraram-se um ponto de partida válido para o trabalho de campo, porque permitiram abordar todos os aspectos importantes da questão. Mas, os resultados nos obrigam a alterar alguns pontos essenciais na apreensão da realidade estudada.

Na primeira questão da pesquisa, que trata da atual ocupação dos egressos, partiu-se da hipótese básica de que os alunos da UEFS, depois da formatura, procurariam um emprego de acordo com seu novo diploma. Alguns conseguiram, porque já trabalhavam no setor, sobretudo no ensino e no serviço público, e foram promovidos, ou porque dispunham de influência política ou de relações sociais, para alcançar o seu objetivo. Outros não procurariam um emprego, porque já trabalhariam numa empresa familiar ou num empreendimento próprio. A maioria, porém, ficaria no mesmo emprego mal remunerado de antes da formatura, ou estaria até sem ocupação.

Os resultados da pesquisa mostram, até certo ponto, a validade dessas hipóteses. De fato, vimos como boa parte dos egressos continua no mesmo emprego, sobretudo no setor público, e como outros o adquiriram graças a fatores extra-universitários. A insatisfação com o salário é geral. Muitos também estão desempregados.

A hipótese básica, porém, deve ser alterada. Tomar como ponto de partida a procura de um emprego depois da formatura só pode levar a uma compreensão deformada da realidade. De fato, os egressos da UEFS já estavam no mercado de trabalho antes e durante o curso. Entrar na UEFS era exatamente uma tentativa de melhorar sua posição neste mercado, na esperança de, com um diploma universitário, ter acesso a uma melhor remuneração, um emprego melhor, ou pelo menos ser promovido.

Deste modo, não é a partir da estrutura interna da UEFS, sua organização, suas aulas e seus métodos, que se pode compreender sua função dentro da sociedade. Ao contrário, ela faz parte de uma realidade sócio-política global, a qual deve ser tomada como ponto de partida para entender essa função.

Esta realidade sócio-política é caracterizada pela hegemonia de uma classe que mantém seu domínio econômico através de uma organização autoritária da sociedade. O domínio do aparelho estatal é uma parte essencial da hegemonia dessa classe. Através da distribuição de empregos, cargos e favores na burocracia oficial seu poder é mantido em amplas camadas da população. Assim, a universidade tem como função fornecer e aperfeiçoar os recursos humanos para o funcionamento do aparelho estatal sob a coordenação da classe dominante. Empreguismo e baixos salários são uma consequência inerente ao sistema autoritário.

Desse modo, pode-se compreender como somente uma pequena minoria dos egressos conquista uma ocupação através do reconhecimento do seu valor ou através do concurso público ou seleção nas empresas. A maior parte ou fica no mesmo emprego já adquirido antes da formatura, e no máximo consegue aumentar um pouco o nível salarial (os professores licenciados), ou tem acesso ao emprego através de influências políticas ou sociais (pistolão).

Assim também é inevitável a ocorrência frequente do desemprego e do subemprego. As queixas mais amargas dos egressos referem-se exatamente à grande frustração de ver que seus sonhos de melhoria ocupacional foram em vão ou que ainda nem conseguiram um emprego.

É notória a absorção dos egressos da UEFS nos setores produtivos do mercado de trabalho, como, a indústria, o comércio e os serviços. Normalmente culpa-se o mercado de trabalho por esta situação, esquecendo-se que a universidade de Feira de Santana não foi prevista para servir àqueles setores. Certas funções de direção nas empresas já foram atendidas por universidades de maior prestígio. Outras funções simplesmente não

exigem um diploma universitário, desvalorizado e desprezado como supérfluo.

Finalmente, os salários baixos fazem parte do jogo político que predomina no setor onde se encontram os egressos da UEFS. São uma consequência inevitável do sistema de clientelismo e empreguismo que tradicionalmente caracteriza o ensino e o serviço público.

As hipóteses da segunda grande questão da pesquisa, a avaliação da UEFS e do seu papel para o desempenho profissional, partiram da queixa sobre o caráter deficiente do ensino administrado na UEFS, o que dificultaria o acesso a um bom emprego e a atuação satisfatória na profissão. Os alunos teriam sido obrigados pelas circunstâncias da vida a optar pela UEFS, uma universidade nova e sem prestígio, e com um número limitado de cursos. O ensino seria também bastante "teórico", sem conexão com a realidade da profissão. Seriam deficientes o curriculum das disciplinas, o estágio, o serviço da biblioteca e as próprias aulas.

Os resultados da pesquisa confirmam boa parte dessas hipóteses. De fato, foram as circunstâncias que levaram a maioria dos egressos a fazer o curso universitário na UEFS. As deficiências do ensino referem-se sobretudo a seu caráter superficial sem nexo com a realidade concreta. E vários aspectos, como aulas, estágio e biblioteca, realmente deixaram a desejar.

Mas também aqui devemos alterar o ponto de partida, para compreender o problema dos egressos na sua totalidade. As deficiências da UEFS não podem ser consideradas a "causa" da situação deplorável em que eles se encontram no mercado de trabalho. Ao contrário, a passagem pela universidade é geralmente considerada como válida, porque correspondeu naquilo que mais procuravam obter no curso: o aumento dos conhecimentos profissionais e o crescimento pessoal. Embora conscientes da falta de prestígio da UEFS e do número limitado de opções, os egressos acham que as principais deficiências do ensino não são específicas desta universidade, mas comuns em todas as instituições de ensino superior na Bahia e no Brasil. Os dados da pesquisa mostram que, no caso pessoal dos ex-alunos, o fato de ter se formado na UEFS e não em outra universidade praticamente não teve influência no acesso à sua atual ocupação. Deste modo, não foi um determinado nível de ensino que levou os egressos a esta posição insatisfatória no mercado de trabalho. O problema fundamental não é a UEFS, mas a realidade sócio-política, como foi demonstrado acima.

O último item da análise trata das consequências teóricas para a relação educação-emprego. Não cabe aqui retomar a discussão das várias correntes teóricas a respeito deste assunto. Aqui serão indicadas de modo esquemático as principais idéias que, na nossa opinião, devem nortear a discussão teórica sobre o tema, em conformidade com os resultados da pesquisa.

A visão ortodoxa sobre a relação entre educação e mercado de trabalho parte do princípio de que a remuneração do trabalhador depende da

sua capacidade produtiva. Esta capacidade, por sua vez, depende das suas aptidões, suas qualificações, que podem ser chamadas de "Capital Humano", porque são o resultado de investimentos, especialmente em educação e treinamento. Este capital humano consiste principalmente em habilidades cognitivas, produto básico da educação. Maior habilidade cognitiva aumenta diretamente a capacidade produtiva, gerando maior remuneração para o trabalhador. Todo indivíduo pode, assim, conforme sua livre decisão, investir um determinado tempo na sua educação, com a perspectiva de haver um retorno sob forma de acesso a um emprego com remuneração melhor. Deve-se acrescentar, porém, que como todo investimento também a educação é um risco, podendo em alguns casos não resultar em melhoria ocupacional.

As críticas teóricas e empíricas a este modelo podem ser encontradas no texto sobre "Educação e Mercado de Trabalho". Aqui queremos apenas confrontar a teoria com os resultados da pesquisa realizada na UEFS.

A pesquisa mostrou que, de fato, os egressos esperavam uma melhoria ocupacional e salarial através da aquisição de novos conhecimentos profissionais. Esta melhoria não aconteceu porque, segundo a versão mais difundida, o mercado de trabalho não comportaria tantos egressos do ensino superior, obrigando-se a aceitar empregos com salários inferiores. Conforme o raciocínio da teoria do "Capital Humano", o investimento em Educação estaria errado nestes casos, porque os riscos não foram calculados de modo correto. Melhor seria que boa parte dos pretendentes a um diploma de nível superior se contentasse com menos escolaridade, por exemplo, um curso técnico, a fim de ter melhores oportunidades no mercado de trabalho e com menos esforço.

Os dados da pesquisa, porém, mostram que os argumentos referentes ao caráter limitado do mercado de trabalho, a fim de explicar a frustração das expectativas, não correspondem à realidade dos fatos. A maior parte dos egressos declara que está exercendo a profissão para a qual se formou. Outros ainda exercem uma profissão que tem alguma relação com o curso realizado na UEFS. A maior parte dos egressos também está satisfeita com a sua ocupação em termos de realização profissional. O que, fundamentalmente, não correspondeu às expectativas foi a remuneração. Deste modo, não se pode dizer que a causa da frustração foi o mercado de trabalho.

Em segundo lugar, o ponto de vista teórico que tenta explicar a relação educação-mercado de trabalho, a partir dum planejamento individual, como se fosse um investimento com esperança de retorno, também não corresponde aos fatos. Quem investe em educação é, em primeiro lugar, a sociedade através dos seus agentes decisórios. A nossa pesquisa mostrou claramente que quem define a função da UEFS não é a própria universidade e muito menos os seus alunos, mas o contexto sócio-político em

que está inserida. É este contexto que determina que a UEFS tem como função o aperfeiçoamento da mão-de-obra empregada no aparelho estatal, o qual está submetido à classe dominante. Assim como é o mesmo contexto que determina o modo de acesso aos empregos, o nível de remuneração e a taxa de desemprego e de subemprego.

As teorias dualistas são a segunda grande corrente teórica sobre a relação entre Educação e Mercado de Trabalho. Elas partem da constatação básica de que o mercado de trabalho se divide em compartimentos relativamente estanques. No segmento primário estão os melhores postos de trabalho, com salários mais altos, maior produtividade e estabilidade no emprego. No segmento secundário estão as ocupações mais baixas, caracterizadas pela baixa remuneração, produtividade inferior e alta rotatividade. Somente no segmento primário o nível educacional tem um papel real. Entre os dois segmentos praticamente não existe mobilidade.

Existem diversas teorias que explicam esta segmentação do mercado de trabalho. A mais tradicional aponta a existência de dois sistemas de produção: o sistema moderno e competitivo, típico dos países industrializados, e o sistema arcaico de subsistência. Uma versão mais moderna desta teoria distingue dois tipos de mercado de trabalho aos quais correspondem dois comportamentos diferentes da mão-de-obra. O mercado estável exige empregados disciplinados e pontuais, enquanto o mercado instável ou informal deve contentar-se com empregados faltosos e indisciplinados. Uma terceira explicação coloca a divisão entre os dois segmentos no poder tecnológico. O setor moderno utiliza tecnologia moderna, paga altos salários e, conseqüentemente, consegue alta produtividade e grandes lucros. O setor tradicional, por sua vez, é de trabalho intensivo e a remuneração da mão-de-obra fica próxima ao nível de subsistência.

O nível educacional dos empregados, segundo as teorias dualistas, não se traduz diretamente em produtividades, porque esta se aprende na própria empresa. A educação apenas seleciona os possíveis candidatos ao emprego, ou indicando os mais 'treináveis' (Teoria das filas) ou fornecendo os 'credenciais' (Credencialismo) através do diploma.

A segmentação do mercado de trabalho é uma percepção válida das teorias dualistas. Suas tentativas de fundamentação teórica, porém, ficam apenas na superfície da realidade e não abrangem a totalidade dos fenômenos. Por exemplo, as teorias dualistas não possuem nenhum valor explicativo para a realidade que foi o objeto da presente pesquisa. É evidente que os egressos da UEFS se destinam a determinados segmentos do mercado de trabalho, inatingíveis para outras categorias de mão-de-obra. Esta tendência, porém, não obedece aos critérios adotados pelas teorias dualistas. As categorias "sistema moderno/arcaico", "mercado estável/instável", "poder tecnológico" não explicam a realidade vivida pelos egressos da UEFS.

Por isso, a teoria crítico-histórica sobre a relação educação / mercado de trabalho é, ao nosso ver, o ponto de partida correto para compreender a realidade por nós estudada. Segundo essa teoria, a realidade econômica capitalista tem como relação básica não o mecanismo dos preços, nem a tecnologia, mas o conflito, antagônico na sua essência, entre os donos dos meios de produção e as classes trabalhadoras. Desse modo, o acesso ao mercado de trabalho não depende da livre iniciativa dos indivíduos, como quer a teoria do Capital Humano, mas de diversos fatores sociais e políticos, que enquadram as pessoas em segmentos deste mercado e determinam sua remuneração salarial. Esta segmentação é fruto dum processo histórico através do qual um certo grupo conseguiu assumir o controle dos meios de produção, podendo determinar a taxa de acumulação de capital, a divisão de trabalho e a participação no produto. Ao contrário das teorias dualistas, esta segmentação não é uma disfunção (atraso tecnológico) da economia. Ela é funcional porque ajuda a reproduzir a hegemonia capitalista, dividindo os operários, estabelecendo barreiras entre eles, legitimando as diferenças salariais. O emprego não é, pois, uma questão de capital humano ou de modernização tecnológica, mas um problema político, porque depende da força política dos trabalhadores a fim de alterar as formas de acesso ao emprego e melhorar os salários.

Aplicando esta visão teórica à nossa pesquisa, pode-se afirmar que o papel da UEFS, no sentido de fornecer mão-de-obra a baixo custo para o aparelho estatal, não é a consequência dum desequilíbrio do mercado de trabalho ou uma falha da própria universidade. Ao contrário, esse papel é altamente funcional, porque ajuda a reproduzir a hegemonia política da classe dominante dentro da sociedade. Assim também, não será somente a melhoria do nível de ensino da UEFS ou a modernização tecnológica das empresas na região que vai alterar este quadro, por mais indispensáveis que sejam essas modificações. A questão fundamental depende da força e da mobilização política das diversas categorias envolvidas.

Tudo isso não quer dizer que a UEFS tenha apenas como simples função reproduzir as desigualdades sociais. Seria reduzir a universidade a uma estrutura estática a serviço duma realidade sócio-econômica igualmente estática. Ficaria anulado o aspecto histórico da realidade em que se insere o sistema educacional. Ao contrário, a função da UEFS é fruto de conjunturas históricas que foram criadas e se modificam ao longo do tempo. Deste modo, se é verdade que a universidade serve aos interesses das classes dominantes, deve ser possível transformá-la de acordo com os interesses populares. Um dos grandes desafios das lutas populares é fazer do sistema educacional um instrumento capaz de libertar as massas da marginalização e conseguir mais investimentos para a educação pública. Para isso, também, é preciso voltar à função fundamental da universidade: o estudo e a pesquisa, que consiste no questionamento científico da

realidade política e social, e na criação de novos modelos de uma sociedade mais justa e humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARNOY, Martin. Educação e emprego; uma avaliação crítica. *Cadernos de Pesquisa*; São Paulo, n.30,p. 79-97, ago., 1979.
- CUNHA, Luis Antonio. *Educação e desenvolvimento social no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. 296p.
- CUNHA, Paulo Vieira de. A organização dos mercados de trabalho; três conceitos alternativos. *Revista de Administração de Empresas*. V. 19, n.1, p.21-46, jan/mar., 1979.
- FREITAG, Bárbara. *Escola, Estado e Sociedade*. 4.ed. São Paulo: Moraes, 1980. 138 p.
- GOMES, Cândido A.C. Educação e trabalho: a perspectiva sociológica. In: *Mercado de trabalho para egressos do ensino superior*; programa de avaliação da reforma universitária. Grupo Gestor de Pesquisa, CAPES/MEC, s/d (mimeo).
- LIMA, Ricardo. Mercado de trabalho; o capital humano e a teoria de segmentação. *Pesquisa e Planejamento Econômico*. Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 217-272, abr., 1980.
- NASCIMENTO, Dinalva Melo do. *Avaliação do ensino superior: um estudo do desvio ocupacional dos egressos de pedagogia, direito e economia das escolas superiores de Ilhéus e Itabuna-Ba*. Brasília 1982. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília, 1982.
- OLIVEIRA, Elza de A. O papel do ensino superior na formação profissional. In: *Mercado de trabalho para egressos do ensino superior*; programa de avaliação da reforma universitária. Grupo Gestor de Pesquisa, CAPES/MEC, s/d (mimeo).
- ROSSI, Wagner R. *Capitalismo e educação: Contribuição do estudo crítico da economia da educação capitalista*. 2.ed. São Paulo: Ed. Moraes, 1980. 160p.
- SAVIANI, Dermeval. Educação para a participação no processo político; escola, cidadania e transição democrática. *La Educación, Revista Interamericana de Desarrollo Educativo*. n. 100, p. 130-140, 1986.
- _____. *Escola e Democracia; teorias da educação curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. 6.ed. São Paulo: Cortez, 1985. 96 p.
- TEDESCO, Juan Carlos. Educação e emprego industrial; uma análise a partir de dados censitários, 1960-1970. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 30, p. 74-84, maio, 1982.
- VELLOSO, Jacques R. Educação e desigualdade da renda urbana no Brasil: 1960-80. *Pesquisa e Planejamento Econômico*. Rio de Janeiro, n. 9, p. 661-718, dez. 1979.
- _____. Ensino Superior e trabalho; a perspectiva econômica. In: *Mercado de Trabalho para egressos do ensino superior*; programa de avaliação da reforma universitária. Grupo Gestor de Pesquisa, CAPES/MEC, s/d (mimeo).
- _____. Socialização e trabalho; escola e produção capitalista, *Educação e Sociedade*. São Paulo, n. 7, p. 141-157, 1980.